



FRANÇA — CIDADE DE SANTO QUINTINO.

A cidade de Santo Quintino, condecorada no tempo dos romanos com o título de *Augusta Viromandunorum*, era, no século III, uma das principaes cidades da Gallia. A sua situação no encruzamento de cinco estradas romanas, partindo de Soissons, de Reims, de Bavai, de Cambrais e Amiens, tornava-a centro de operações estratergicas e administrativas. Havia ali uma especie de convento juridico, e os seus vizinhos gosavam dos foros e regalias de cidadãos romanos. Aquelle tribunal chamava-se *pretorio*, e á sua presença foi conduzido Quintino, mancebo de familia nobre, accusado de ter profanado a religião da metropole, e de ultrajar a magestade dos imperadores. Rictius Varrus, prefeito das Gallias, depois de ter feito soffrer a Quintino os mais crueis tormentos para o obrigar a sacrificar aos idolos, cansado da constancia inabalavel do santo martyr, mandou-lhe cortar a cabeça a 31 de outubro de 302, ordenando que o seu cadaver fosse lançado ao Somme.

A historia da paixão de Santo Quintino foi escripta nos primeiros tempos da era christã; a bibliotheca imperial de Paris possui varios manuscritos antiquissimos a semelhante respeito, e na bibliotheca de Santo Quintino encontra-se um outro manuscrito, menos antigo é certo, mas mais curioso pela profusão de ricas e bem conservadas illuminuras, que n'elle se admiram.

Era Santo Quintino mui opulenta de antigos monumentos, que pela maior parte têm desappareci-

do, ou destruidos pela acção corrosiva do tempo, ou demolidos para se construirem em seu lugar edificios que a civilisação moderna tornou indispensaveis, ou finalmente para se alargarem as ruas ou praças, que pejavam, com prejuizo da salubridade publica.

Todavia ainda lhe restam alguns, que provam a sua prosapia politica, e dão alto testemunho da cultura e industria de seus filhos. Estas excellentes qualidades tem-nas elles sabido manter, em alto grau, devendo-lhes Santo Quintino o conservar ainda hoje a sua supremacia commercial entre as cidades do norte da França.

Já no século XIII Santo Quintino se distinguia pelas suas manufacturas de pannos de differentes especies. Jaques Arpin introduziu n'esta cidade em 1803 o processo da fição do algodão. Muitos outros abraçaram o seu exemplo. Desde então as fabricas de lãsinhas, de rendas e outros tecidos por meio de teares á Jacquard, as fiações de lã, as fabricas de assucar indigena, têm desenvolvido e augmentado espantosamente o trafico commercial de tão industriosa povoação.

Releva confessar que este incremento foi tambem favorecido e facilitado pela demolição das antigas muralhas; pelo canal do Escalda, que pondo em comunicação directa esta cidade com as minas de carvão de pedra do norte da França e da Belgica, lhe permittem haver por preços mui modicos um tão precioso elemento das industrias modernas; finalmente,

em 1850, pela conclusão do caminho de ferro de Creil a Santo Quintino, o qual liga a ultima cidade com a capital, e com as principaes vias ferreas de França.

De todos os lados se têm successivamente erguido, como por encanto, bairros novos; e no sitio que occupavam os antigos baluartes e os fossos vêem-se hoje bellas fabricas de fição e tecidos, e outros estabelecimentos e manufacturas, que constituem Santo Quintino uma das mais industriosas e florescentes cidades da França.

Nas immedições de Santo Quintino houve, em 1557, uma sanguinolenta batalha entre os francezes, commandados pelo celebre condestavel de Montmorency, e os hespanhoes, dirigidos pelo duque de Saboya, na qual os primeiros foram completamente desbaratados, do que lhes resultou a perda da cidade, immediatamente occupada pelos ultimos.

NAVEGADORES ESTRANGEIROS.

V.

(1789 — 1827.)

Acabava La Peyrouse de visitar a costa noroeste da America, com vistas puramente scientificas, quando Dixon aportou aos mesmos logares, em execução porém de planos commerciaes. O bretão poz nomes differentes a todas as enseadas e cabos que o francez acabava de baptisar, e que já antes Cook denominára de outro modo. Seguiu-se outro inglez, o capitão Meares, tambem mercante, a explorar estas paragens, em 1789, e segundo a relação da sua viagem, os habitantes d'esta parte do mundo devem considerar-se como canibaes. Entretanto já o capitão Hunter, navegando a um rumo opposto, costeava a Terra de Van-Diemen ou Tasmania, do nome do seu descobridor, e Cox fazia descobertas na ilha Maria, ao sueste da mesma terra. Mackenzie, inglez, tambem voga este anno em direcção ás terras polares, varias das quaes reconhece, e descobre o rio que ainda hoje conserva o seu nome. Edward Edwards descobre muitas ilhas nos mares do sul, em 1790; e no seguinte anno muitos outros navegadores, espalhados por toda a superficie do oceano, enriquecem a sciencia com importantes descobrimentos. Os mais notaveis d'estes nautas foram o francez Marchand, que reconheceu as ilhas de Noukahiva, onde os seus compatriotas formaram mais tarde um estabelecimento para degradados; o americano Ingraham, que percorreu os mesmos mares; o inglez Vancoaver, famoso pelo reconhecimento minucioso que fez da costa noroeste da America; o hespanhol Malespina, que dos seus trabalhos nauticos só obteve perseguições na corte; Portlock, explorador tambem da contra costa do novo mundo; e o general Entrecasteaux, que indo em busca de La Peyrouse, descobriu varias ilhas nos mares do sul, e reconheceu toda a costa occidental da Nova Caledonia. Hanson, King e Hayes exploram estas mesmas paragens nos seguintes annos; e Dell, capitão do *Fancy*, segue o mesmo rumo em 1795. Varios balieiros e pescadores de phocas fazem diversas descobertas, por essa epocha, nos mares da Australia; e Gambier, almirante inglez, enxerga as ilhas do seu nome, em 1797, as quaes, e outras muitas, são visitadas de novo, com pouco intervallo de tempo, pelo navegador Wilson. O cirurgião Bass, descobre o estreito que tomou o seu nome,

e que separa a Nova Hollanda da Tasmania, e faz, em companhia do tenente Flinders, a circumnavegação completa e detalhada da Terra de Van-Diemen, pelos annos de 1797 e 1798.

Aqui terminam os descobrimentos maritimos do seculo XVIII, mas já antes que elle fechasse o seu giro, tinha saído de França o capitão Baudin, a 17 de outubro de 1800, para inaugurar as novas descobertas do seculo XIX. Napoleão o encarregou de explorar as regiões austraes, confiando-lhe para esse fim o commando das corvetas *Geographo* e *Naturalista*. Seguindo pelo cabo da Boa Esperança á ilha de França, ás Molucas, e a Timor, passou Baudin a reconhecer a Nova Hollanda, aonde visitou logares ainda desconhecidos dos europeus, dando o nome de *Terra de Napoleão* á costa sudoeste do continente, nome que os inglezes lhe não conservaram. Este illustre navegador veio morrer, de doença, á ilha de Timor, a 2 de setembro de 1803, e o capitão Milius, que o substituiu no commando, voltou a França com as duas corvetas, em 1804, tendo percorrido dezeseite mil leguas de oceano.

N'este mesmo anno, Crozer, capitão americano, descobre a ilha de Oualan, a que dá o nome de *Strongy*; esta ilha está isolada a igual distancia dos archipelagos Marshal e Gilbert, e das ilhas Carolinas. Krusenstern, navegador russo, explora os mares boreaes e o oceano equatorial, por esse mesmo tempo; e Lewis e Clarke, sondam o Missuri, e verificam a origem do Columbia.

Em 1805 ganha Nelson a famosa batalha de Trafalgar, e morre entre os louros da victoria. Horacio Nelson nasceu em 1758, e serviu sob as ordens do comodoro Phipps, encarregado de descobertas no polo do norte, onde alcançou o posto de tenente: depois, sendo capitão, distinguio-se na guerra contra os francezes, e perdeu um olho na tomada de Calvi. Em 1796, sendo já comodoro, perdeu um braço no infructuoso ataque que deu a Tenerife; e pouco depois ajudou o almirante Jervis a vencer a esquadra hespanhola no cabo de S. Vicente, o que lhe valeu o posto de contra-almirante. Destruindo a esquadra franceza, em Aboukir, obteve o titulo de barão de Nilo; e finalmente, junto ao cabo de Trafalgar, tendo encontrado reunidas as esquadras franceza e hespanhola, ao mando de Villeneuve e Gravina, aniquilou-as completamente, e expirou no fim da batalha, com a perda do braço que lhe restava.

Não fazemos menção especial de outros distinctos almirantes d'este tempo, como Suffren, Jervis, Collingwood, da mesma forma que em outras epochas não tratamos de Patry, Tromp e mais guerreiros maritimos, pois que estes valentes militares nada contribuíram para o progresso dos conhecimentos humanos. Nelson é uma excepção, é um vulto gigantesco dos tempos modernos, e os seus primeiros passos na carreira maritima foram dirigidos ás descobertas polares. Se não houvesse rebentado a guerra com tal encarniçamento, quem sabe se Nelson se tornaria rival de Cook no campo dos descobrimentos. O signal que fez á esquadra no momento de se travar a peleja em Trafalgar, mostra, pela sua singeleza, o genio do almirante. Ninguém ignora essa sublime e concisa allocução: « A Inglaterra espera que cada um faça o seu dever. » (*England expects every man will do his duty.*)

As sanguinolentas batalhas do tempo de Napoleão, que arruinaram a marinha franceza, e destruíram a hespanhola e a dinamarqueza, seguiu-se um grande invento que tinha de mudar a face da tacti-

ca naval: foi a applicação das machinas de vapor á navegação. No mez de outubro de 1807 lançou-se ao mar, em New-York, o primeiro barco de vapor, construido pelo americano Fulton: e acreditado bem depressa o novo invento, foi em seguida applicado á marinha de guerra, e hoje constitue a sua mais importante parte. Ainda não se deu o caso de um grande combate naval entre barcos movidos a vapor, d'onde se pudessem deduzir os preceitos para este genero de batalhas, mas pode-se bem avaliar que o choque será tremendo, e maior a suffocação entre o fumo da artilharia e o do carvão de pedra.

Voltemos aos navegadores do presente seculo. Bristow, inglez, descobre em 1806 as ilhas Auckland. Em quanto o americano David Porter explorava, pelos annos de 1813 e seguintes, os mares da Oceania, King, inglez, destinava-se a percorrer cuidadosamente as costas da Nova Hollanda; e em 1817 saía de Toulon a corveta *Urania*, commandada por Freycinet, para fazer o giro do globo, determinar a configuração do nosso planeta, e os elementos do magnetismo terrestre no hemispherio austral. Esta viagem era destinada a examinar certos phenomenos meteorologicos, com preferencia a estudos geographicos. Dobrando o cabo da Boa Esperança, Freycinet chega á Nova Hollanda, percorre Timor, as Molucas, as Filipinas, as Carolinas e outras ilhas, passa ao mar oriental pelo cabo de Horn, e vem naufragar á bahia Franceza das ilhas Malvinas, sem comtudo perecer nenhum homem da tripulação.

Um navio americano os recebeu, e conduziu ao Rio de Janeiro, d'onde voltaram a França em 1820.

Em 1818 encarregou o governo britannico ao capitão Ross, a cujas ordens ia o celebre Parry, o reconhecimento da costa septentrional da America; tendo explorado a bahia de Baffin, os intelligentes navegadores chegaram até 77 graus de latitude, e voltaram a Inglaterra. Logo no seguinte anno tornou Parry, commandando uma expedição, encarregada de continuar os trabalhos de Ross, e chegou mais perto do polo do que nenhum anterior viajante. Teve de invernar entre aquelles horriveis gelos, e só regressou á patria em 1820. Terceira e quarta vez tentou Parry o caminho do polo, em busca da passagem para o mar occidental, e Franklin, que o acompanhava, determinou os limites septentrionaes da America. N'estas longas e penosas viagens descobriu muitas ilhas, portos e enseadas. A Russia enviou em 1819 uma expedição para fazer novas pesquisas nas proximidades do opposto polo, e o capitão Bellinghausen foi encarregado de a dirigir. Este navegador chegou a 70 graus de latitude sul, descobriu as ilhas de *Alexandre I* e *Paulo I*, (cujas descoberta outros attribuem a Simonoff, tambem moscovita, em 1821) e voltou a Cronstadt sem trazer mais subsidios á geographia. O capitão inglez Smith deu vista das ilhas que denominou *New-South-Shetland*, em 1819; e pelo mesmo tempo fez importantes reconhecimentos para dentro do circulo polar arctico o capitão russo Kotzbue.

O anno de 1821 presenciou importantes trabalhos nauticos, tanto nos mares do norte como nos do sul. Scoresbey descobre o estreito do seu nome, e a ilha de Liverpool no mar Glacial; Wrangel determina os limites da Asia; Powell descobre novas ilhas em alta latitude meridional; Simonoff faz varias descobertas nas mesmas paragens; Weddell reconhece as *Orcaes austraes*, e é este o navegador que diz haver chegado á latitude de 74° sul, do que duvida o sabio D'Urville. Em 1822 visita Humphrey duas ilhas,

a uma das quaes dá o seu nome, e á outra chama *Good-Hope* (Boa Esperança), nome do navio que commandava.

E n'esse mesmo anno começa a importante viagem do capitão Duperrey na corveta *La Coquille*, d'onde as sciencias e a navegação tiraram importantes resultados. Dumont d'Urville, tão celebre depois, acompanhava Duperrey n'esta viagem á roda do mundo. A corveta passou o estreito de Le Maire, e começou uma serie de descobertas e reconhecimentos de ilhas no mar Pacifico; visitou a Australia, as Molucas, Batavia, e regressando á Europa pelo cabo da Boa Esperança, chegou a Toulon em 1825. Quasi pelo mesmo tempo, eram visitadas algumas das novas ilhas que Duperrey achára no mar occidental, pelos navegadores John Bell e David Clerk, em diversas expedições.

O infeliz Franklin, de cuja morte entre os esquimós ainda ha pouco tivemos a fatal certeza, empreendeu, em 1825, segunda viagem ao polo norte. Richardson, e o capitão Back, tambem depois muito celebre por seus trabalhos nauticos, acompanham Franklin nas explorações da zona frigida. Beekey continúa esta serie de esforços por descobrir a passagem para o grande oceano; visita, em 1826, a costa septentrional do paiz dos esquimós, além do circulo polar; e volta com a certeza de que ha passagem do Atlantico para o Pacifico, na força do verão, quando os gelos deixam livre aquelle mar.

N'esse mesmo anno partiu Dumont d'Urville, para a sua segunda viagem de circumnavegação, e primeira por elle dirigida. As descobertas d'este illustre maritimo occuparão um espaço, relativamente maior do que temos consagrado a outros navegadores, no seguinte e ultimo capitulo d'este estudo.

Por agora vamos concluir o presente artigo com a noticia da derradeira batalha naval, em ponto grande, dos modernos tempos.

A 20 de outubro de 1827 forçou o porto de Navarino, na Moréa, uma esquadra anglo-franceza-russa, que defendia a liberdade da Grecia contra o poder do sultão, representado n'aquelle porto por uma esquadra turco-egypcia de 3 naus, 20 fragatas, 26 corvetas, 12 brigues e 5 brulotes, ao mando de Ibrahim pachá. A frota alliada compunha-se de 10 naus, 10 fragatas e outros navios menores, sob o commando em chefe do almirante Codrington, inglez, a cujas ordens se achavam, como mais modernos na patente, os almirantes russo e francez, o conde de Heiden, e o de Rigny. O combate durou poucas horas; a armada do crescente ardeu quasi toda, o seu almirante foi o proprio a lançar o fogo á capitanea, quando já não esperava vencer, despregando n'essa occasião todas as suas bandeiras e galhardetes. Os vencedores tiveram tambem consideraveis perdas; e pode dizer-se que o valor pessoal não exaltou nem abateu nenhuma das nacionalidades representadas em Navarino.

F. M. BORDALO.

BANHOS E LAVADOUROS PUBLICOS.

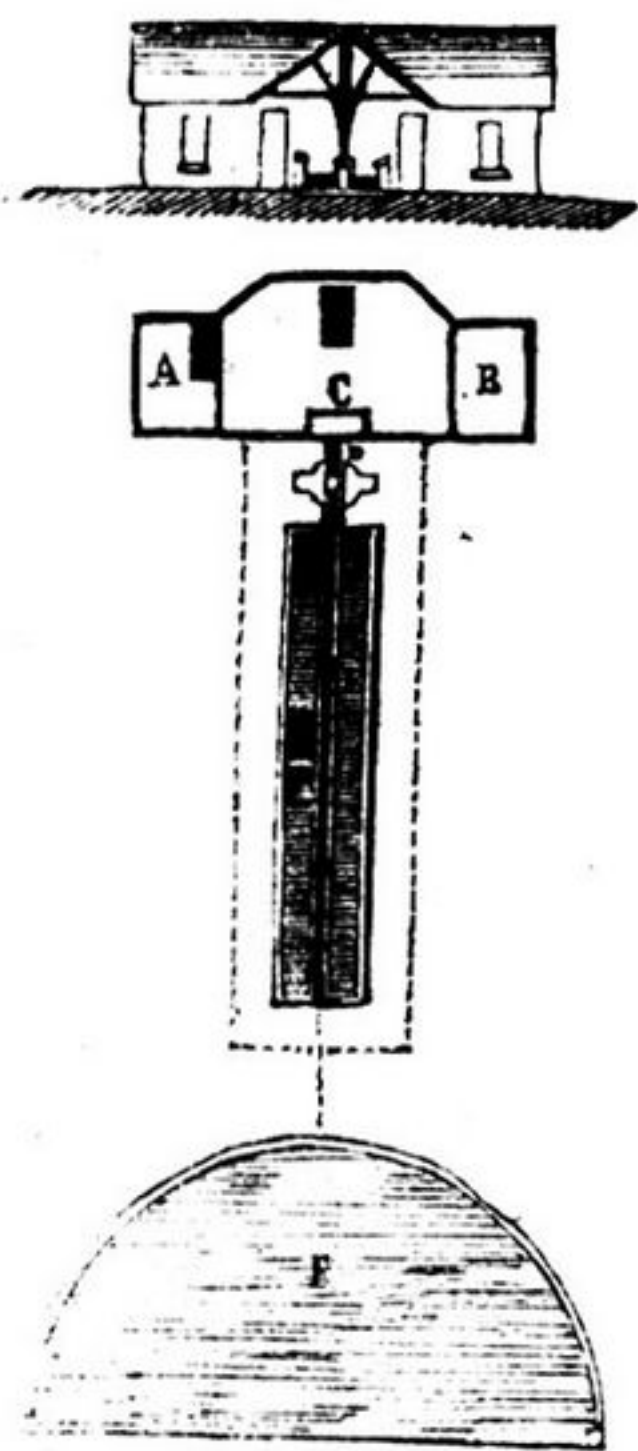
O acio, assim nas pessoas, como nas habitações, nas officinas, nas cidades, e geralmente em todos os logares em que se ache accumulado grande numero de individuos, é considerado pelos hygienistas como o meio mais efficaz, ou antes o unico, de attenuar os effeitos, e até impedir a invasão e o desenvolvimento

d'essas epidemias, que tão terríveis vestígios deixam na sua passagem.

D'aquí a multiplicidade de estabelecimentos de banhos, que se encontram nas principaes cidades da Europa, com o louvavel fim de crear nas povoações, e nas classes mais immundas d'estas, o agradável e salutar habito do aceio. Com effeito o desaceio repugna á vista e ao olfacto, e é origem de infinidade de enfermidades.

Infelizmente por ora poucos estabelecimentos de banhos se contam em Lisboa; n'isto parece que a nossa capital se compraz de manter-se n'um estacionamento deploravel. Todavia cumpre confessar que se vae reconhecendo a necessidade e vantagens dos banhos, que em alguns hospitaes se acham já em exercicio as competentes salas, e que em breve se abrirá ao publico um magnifico estabelecimento d'este genero, construido a expensas da municipalidade e da santa casa da misericordia.

Isto porém não basta; cumpria que em varias freguezias se fundassem casas de banhos, embora não fossem edificios sumptuosos, em que os menos abastados pudessem aproveitar-se, com facilidade e economia, dos grandes beneficios que os banhos, mesmo os de agua simples, fazem á saude.



A gravura representa o desenho e planta de uma casa de banhos, que pode servir ao mesmo tempo para a lavagem e barreira da roupa.

A é a casa para os banhos; B o quarto do guarda, e deposito dos utensilios e do combustivel; C o lugar em que se fazem as barreiras á roupa; D a fonte d'onde provém a agua para os banhos, para os tanques de lavagem, E, e para o grande tanque, F. A divisão interior pode ser alterada sem inconveniente; dividindo-se, por exemplo, a casa destinada aos banhos em dous repartimentos, um para homens, outro para mulheres, com entradas independentes.

Uma casa de banhos, por este systema, pouco mais ou menos, sendo os tanques de bom tijolo, revestidos de cimento hydraulico, e incluindo osapparelhos e utensilios indispensaveis, custaria uma somma mui insignificante, e podia prestar grande serviço á salubridade publica.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA (1).

II.

DOMINGOS DOS REIS QUITA.

DA ARCADIA — ALGUM MILENIO.

1728—1770.

I.

Os maiores engenhos da Arcadia foram pouco felizes.

Exceptuando o Diniz, e algum outro, não dos mais notaveis, todos pagaram o seu tributo á adversidade.

Coroados com os louros de Horacio, o Garção passou das estreitezas da indigencia para as maguas e solidões de um carcere.

Com as palmas de Theocrito o Quita, apesar da indole mais benevola e pacifica, nunca obteve dos poderosos senão esquecimento, ou falsas promessas, talvez peiores, porque illudem com a esperanza, e depois tornam doloroso o desengano.

A douta sociedade pranteou no Menalo o luto do grande lyrico sepultado nas prizões de estado, e até commetteu a indesculpavel fraqueza de celebrar os seus perseguidores!

De que lhe serviu chorar as penas do Garção, e interceder por elle nos brandos e disfarçados queixumes da musa bucolica?

De que lhe valeu pedir a Virgilio as delicadas allusões da eccloga laudativa, e confiar o arrabil de Menalca á esplendida vocação do Quita?

O captivo continuou a gemer sem se deshonrar com as supplicas; e os poetas seus irmãos em Apolo, e seus amigos no trato domestico, quando souberam um dia que as portas do carcere se tinham aberto para elle, souberam tambem que fôra só para esconder debaixo da terra mais esta victima do poder ciumento e inexoravel, que a ferro e fogo regenerava um povo decaído, e uma formula incapaz de reassumir as forças e o prestigio da idade viril!

O marquez de Pombal, como Richelieu e Colbert, (exemplares de que não tirava os olhos) fez-se Mecenas das artes por orgulho, mas sem verdadeira inclinação.

Não ignorava que o seu esplendor illumina as epochas e os reinados; e na tentativa de reconstruir pelos alicerces o edificio vacillante da monarchia velha, advertiu que a estatua de Minerva faria formosa vista ornando-lhe o frontispicio.

Estendeu, pois, o braço, e derrubou o idolo jesuitico. Suscitou o *Novo Methodo de Estudar* para que ficassem indeleveis os seus capitulos de accusação á famosa companhia, desterrada ao mesmo tempo da corte, das aulas, dos pulpitos e da patria; e feito isto, ditando a reforma da universidade, e a das escolas, e secularisadas as sciencias e as letras, deu a sua tarefa por concluida, e a sua vingança por consummada.

Foi um atrevido rasgo, não ha duvida; mas era o primeiro, e por desgraça, o ministro não passou adiante. Despiu-se a roupeta de santo Ignacio á instrucção classica; e para lhe tapar a nudez, poz-se-lhe nos hombros o pallio dos cesares. Baniu-se o sacerdocio, e o seu lugar foi occupado pelo imperio.

Eis a revolução. Para o marquez era tudo; para as letras pouco significava em estímulo e liberdade!

(1) O estudo litterario sobre P. A. Corrêa Garção, primeiro d'esta serie, publicou-se no volume IX, pag. 330, 338, 347 e 355.

A toga, se a alguns respeito opprimia menos o pensamento, por tendencia e interesse de classe, armava-se de suspeições e desconfianças, cujo alvo por ser diverso não deixava de ser igualmente fatal.

Sebastião José de Carvalho, semelhante a todos os genios despoticos, não gostava de nenhuma superioridade. Ao lado da realza, em que se cortejava a si mesmo, não queria nada. As cabeças, que se erguiam acima do nivel marcado, ou o offuscavam, ou o offendiam!

Contra os fidalgos empregou os carcereiros da Junqueira, e os supplicios de Belém; para os poetas, que a lisonja não curvára, inventou o silencio do Garção; e com os vates que muita luz poderia tornar admirados e preponderantes fez-se esquecido, ou indifferente.

Excepção quasi unica, é provavel que a becca tanto aproveitasse, pelo menos, ao Diniz como os vãos do estro pindarico, e os chistes mordazes do seu *Hyssope*.

Aos outros deixou-os em paz, no meio dos rebanhos ideaes, acceitando-lhes as congratulações, mostrando-lhes rosto agradável, e nos dias magnanimos, (julgamos que foi um) vindo de passeio ao Menalo, aonde Tytiros, Mopsos, e Menalcas, lhe affogavam as phrases pomposas em diluvios de metros e allusões encomiasticas.

Mas por mais doces á vaidade do Mecenas que as compuzessem, nada renderam em favores e protecção para os auctores; se pobres e desprezados eram antes, assim ficaram!

O grande marquez não se interessava senão pelas suas obras e pelas suas creaturas. A Arcadia tinha surgido do impulso de outros homens, e o ministro interiormente condemnou-a a viver e a acabar como nascêra, quer dizer só.

Depois, entre os socios, havia quem poetasse com a rijeza estoica do Garção, e exemplos taes pareciam perigosos, e quasi attentatorios.

Portanto, supprimiu o Garção, guardou o Diniz para os epithalamios, e deixou ao Quita e a todos como os achára, desvalidos, indigentes e mal apreciados.

Podia ser peor!

D'este desamparo para com os individuos, como era de suppor, resentiu-se a sociedade.

Auxiliada os seus esforços é de crer que chegassem longe, e fossem efficazes. Posta de parte pelo governo, e separada do povo, pela austeridade classica, cresceu de vagar, alcançou pequena altura, e depois de amadurecer alguns fructos, caiu de secca no meio de um deserto.

Estava ali o nucleo de uma verdadeira academia, se o ministro omnipotente roubasse duas, ou tres horas aos cuidados da ambição; infelizmente, pouco seguro no gosto, e desaffeiçãoado aos rasgos de imaginação e á cultura mais fina do espirito, o marquez, contentando-se com a reforma da universidade, conservou em branco esta pagina da sua cópia de Richelieu.

Nem pensões, nem estimação, nem mercês para as letras! Só depois da sua queda, o duque de Lafões, melhor inspirado, apprehendeu o que elle nem traçára; e com o seu exito, levantou uma forte accusação á memoria de Sebastião José de Carvalho, que dispondo do *posso, quero e mando*, o não applicou a illustrar o poder como lhe recommendavam os exemplos de fóra, e as necessidades intellectuaes do reino.

Julgaria o secretario do despacho universal, que

a gloria de Augusto e de Luiz XIV padecesse com a protecção, dispensada aos escriptores e poetas, que immortalisaram as duas epochas? Homens da valia do Garção, do Quita, perdia o estado em os galaroar, como em Roma e França se premiaram os Virgilios e Horacios, os Boileaus e Molieres, honrando-os, mais ainda a amizade e estimação do monarcha, do que as graças e favores, que as distinguiram?

Nos successores do marquez seria natural a negligencia; mas em um reformador, que aspirava a traçar novos caminhos em todas as provincias do saber e da governação, custa a explicar! Não se percebe mesmo, senão attribuindo-a ao ciúme exaltado de todas as superioridades, e sobre tudo á falta de gosto e de amenidade, defeitos que precipitaram muitas vezes o ministro, tornando incompleto o seu genio. O estylo pezado, dogmatico e violento dos seus escriptos, é a fiel estampa do caracter, que retratam os seus actos audazes, mas cruezis. N'aquella alma, se houvesse um raio de luz mais suave, como o que brilhou sobre o coração dos Medicis, a verdade, a par dos erros e oppressões, poderia registar uma iniciativa mais ampla e illustrada.

Desgraçadamente não succedeu assim. O longo periodo de absoluto predominio do ministro de D. José, se conta engenhos distinctos, e tem jus a ensoberbecer-se de algumas obras esmeradas, deve-o á vontade tenaz mas desajudada de poucos individuos, aos quaes a omnipotencia governativa sempre virou as costas como inuteis, ou tratou com desabrimento.

Quando observámos d'onde partiram os obstaculos que atravessaram, as luctas consigo e com a má fortuna, que eram obrigados a sustentar, só nos admirámos da constancia varonil, e da vocação invencível, com que se adiantaram por uma estrada incerta, e cheia de tantos espinhos.

Se os sabios das famosas academias de D. João V, tão palacianos e engommados nas suas prosas aulicas, e nos seus versos entumecidos, encontrassem metade dos rigores, que os arcades superaram, podia-se jurar que as estantes das livrarias estariam alliviadas de centos de volumes incommodos, e só notaveis pela sua obesidade pedantesca.

Não lançámos uma censura geral, por isso mesmo injusta e mentirosa; nem condemnámos cegamente, entre tantos livros deploraveis, alguns trabalhos de merito incontestado; mas com affouteza assegurámos que o Garção e o Quita, elles só, foram mais poetas do que todos os rouxinoes bastardos da *Pheniz*, e do que todos os viveiros cantantes das innumeraveis sociedades, fundadas em honra e gloria das silvas, dos acrostichos, e de mil puerilidades semelhantes.

O que faltou aos pobres arcades para melhorarem a tentativa de restauração litteraria, que apprehenderam, foi a boa sombra de um rei, que visse pelos seus olhos, e prezasse a gloria de se engrandecer com a sua magnificencia a favor das artes.

D. João V era o monarcha mais proprio para isso; e se acaso viessem nos seus dias, é de esperar que algumas das tenças abarcadas pelos parasitas da corte teriam soccorrido a indigencia de homens dignos pelo caracter e talento.

O Garção não tremaria então pela bolsa na vespera do S. João, o seu ermo da Fonte Santa escaparia ás penhoras, e o seu ultimo suspiro não seria exhalado nas amarguras de um carcere!

O Quita acabaria em honesta abundancia; e Francisco Dias Gomes encontraria um braço valedor. O que provavelmente acontecia era haver dous Camões no paço; o auctor do *Hyssope*, com a veia comica na-

tural do seu engenho, ou desthronava o algoz metrico do padre confessor Fr. Martinho, ou pelo menos o coegia a repartir com um competidor feliz as gargalhadas regias do seu augusto patrono. E como não riria el-rei das jovialidades rivaes dos seus dous poetas beccas! Que felizes horas, que deleitosas sestas no meio d'elles!

Sua magestade prezava-se de entendedor, e não carregava a viseira, se a lisonja lhe chamava o Salomão portuguez. O *Pinto Renascido* conhecia esta secreta entrada do seu coração, e quando os bolsos se lhe seccavam, nunca bateu debalde a ella. Muitos rollos de dez moedas mitigaram as maguas dos seus memoriaes rimados. Assim Diogo de Mendonça fosse menos esquecido!

(Continúa).

L. A. REBELLO DA SILVA.

A POESIA E A PROSA.

De quantas formas se não reveste essa idéa innata, e até certo ponto familiar a todos os povos, e em todos os tempos, de uma duplice influencia que preside aos destinos da terra? O principio do mal, lutando com o principio do bem, é como o Protheu da fabula, uma idéa cambiante, fugitiva e caprichosa, assumindo ora a gravidade que lhe prestam as crenças e as tradições, ora o phantastico e imaginoso das lendas populares; aqui é o anjo e o demonio; mais longe, o vicio e a virtude; acolá, o genio do mal e o genio do bem disputando entre si a posse de um predominio.

Real ou illusorio, austero ou ridente, positivo ou ideal, surgindo d'entre voluptuosas nuvens de perfumes orientaes, ou pairando melancolico e pensativo sobre as geladas tristezas do norte, vemos sempre este pensamento fixo avultar nas religiões, solidificar-se em estatuas nas mythologias, obter cultos e altares ainda nas paragens mais remotas e antipathicas.

As litteraturas, reflexo mais ou menos pallido, mais ou menos brilhante das tradições e das crenças, revelam na sua propria essencia a presença d'aquelles dous principios, d'onde se expandem, para de novo convergirem, todos os seus esplendores.

Ainda mais, a representação sonora da idéa, a palavra, nas suas diversas combinações, resume em si a manifestação dos dous principios rivaes. As linguagens, que traduzem para o espirito e para o coração, em mil gradações phonicas, sempre novas, e sempre variadas, até o mais duvidoso scintillar de uma idéa ou de um affecto, as linguagens que retratam da natureza até os proprios mysterios, e que ás regiões do impossivel vão até photographar ainda o que apenas a imaginação pode conceber, as linguagens não desmentem a sua origem, não já d'arbitrarias convenções, senão que indeclinavelmente dependentes do modo de existir e de pensar de cada povo. Nas linguagens, como na palavra, reconhece-se aquella duplice influencia irreconciliavel, sob as differentes formas que os tempos lhe tem successivamente imposto.

A fé, adversaria implacavel da duvida, fulminaria a analyse, se ousasse reduzir ás proporções da vulgaridade, e medisse com a geometria desapaixonada do raciocinio, o que é por sua natureza insondavel e sublime. Entre a esperança e o desengano, ergue-se uma barreira, que lhes veda o aproxima-

rem-se; jámais se fundiriam n'uma só as duas essencias irreconciliaveis. Uma absorveria a outra. O encantamento do amor exclue do odio até o menor vislumbre. E se assim é, que muito, que a incarnação verbal, sol que se transmite para a vida e para o mundo, o que só pertence á espiritualidade, se resinta d'isso mesmo que o espirito reconhece?

D'ahi procede a lucta interminavel entre a poesia e a prosa. É ainda outra modificação d'essas duas entidades adversas, inseparaveis na propria desunião.

A poesia tende para as alturas impenetraveis, onde se originou o portentoso e divinal pensamento da criação. A prosa, tomando a natureza para uma autopsia inqualificavel, examina á luz baça e mortica do positivismo cada um dos seus pormenores, não para glorificar o auctor de um tal complexo de harmonias, mas para materialisar o que em si recendia suavemente á imaginação. A poesia, é o enthusiasmo; a prosa, o egoismo. O enthusiasmo, gera a dedicação; o egoismo, é inferior ao instincto que regula a vida dos animaes. A poesia prefere a honra ao dever; a virtude, á moral; o bello, ao bom. A prosa calcula, reflecte, vacilla, e não resolve, sem que da idéa tenha fugido algum calor que porventura ainda lhe restava, quando se apropriou d'ella para a especulação e para as considerações de interesse individual. A poesia é a generosidade; a prosa é a prudencia reservada. O que para a primeira é um prodigio, para a segunda não passa de um acontecimento trivial. Aquella, ama; esta desconfia; uma crê, a outra duvida. Lá, esperança illimitada; aqui, desenganos sem fim. Ali o pensamento é mystico; aqui, tornaram-no sceptico os calculadores esforços da razão. Na poesia, um, nada, é tudo; na prosa, tudo é o nada.

A briza que segreda pelas folhagens do arvoredado ao descair da tarde, abrange um universo de inspirações poeticas; o compasso que mede os valores é a base de todas as controversias prosaicas. A caridade, tal como o christianismo a desenhou, domina o primeiro plano quando o painel é obra do poeta; a aridez implacavel do algarismo, inflexivelmente verdadeira, rege todas as meditações praticas d'aquelle que protestou contra o idealismo. Quando a lua prateia as solidões do mar, o poeta as povoa segundo os impulsos da propria vocação. Para o que o não é, a vida é o livro do deve e ha de haver, livido como um cadaver, e frio como um crédor. Uma gota de orvalho, val diamantes para um; para o outro os diamantes deixariam de ter apreço, se não valessem dinheiro. N'uma papoula vê um a purpura dos prados; n'um lichen uma floresta microscopica, mas tão completa de perfeições no seu tanto, como as mais vastas selvas do globo. O homem da prosa, olha, e não vê; falla, e não diz; e assim passa galvanizado e insensivel pelas opulencias que se não sommam nem diminuem; assim vae correndo desapercibido por entre as maravilhas que não comprehende, sem desviar a attenção do eu, que para elle é tudo, sem declinar para fóra de si e do seu rumo, por um momento apenas, a sua actividade, sem escutar os gorgeios que alegram os bosques, tal é o estrondo da propria importancia que nada mais lhe deixa ouvir; e assim, cego, surdo, tacito, indifferente, sem perder um millesimo de minuto, porque o tempo é o valor, imperturbavel, corre, vae, desaparece. Se pára alguma vez é para mercadejar; se repousa é por conveniencia, e para logo proseguir n'aquella carreira fatidica e monotona, que a nada attende, e que assim se perpetua, até que a resistencia acabe por lhe distrahir

as forças, e succumba por fim, cedendo á aniquilação universal. Esse tal, é o homem locomotiva; é o waggon da humanidade, é a prosa personificada, é o coração pederneira, é o espirito materia. Viveu? Pareceu-lhe ter vivido. Sentiu? nunca. Amou? por instinto. Creu? em si. Ouviu? uma unica palavra; era o «caminha, caminha.» Que fez? foi. Aonde? sumir-se nos golphões do esquecimento. Gosou? a sua natureza, não era para gosar. Desejou? talvez. O que? que todos fossem como elle. Cumpriram-se os seus desejos? Em parte estavam elles cumpridos, antes mesmo de os haver concebido.

E o homem de excepção que andava herborisando no seio da natureza, e no recolhimento de inspiradas meditações as imagens risonhas que lhe enfeitavam a vida, onde jaz?

Pertencia á natureza, ficou com ella.

Assim como o canto do rouxinol não é das cidades, as flores não desabrocham na tempestade, os cordeiros não vão avelludar as areias ardentes do deserto, as abelhas não levam docuras, mel e fragrancias para os gelos dos polos; assim elle, o homem poesia, se identificou com a poesia de Deus, com o sol dos campos, com o luar dos estios, com o matiz das flores, com os murmurios das fontes, com os mythos da natureza, com as lampadas solitarias do mosteiro, com as andorinhas da primavera, com as alegrias da vindima com as tradições da aldeia, com o verdejar dos montes com os repiques do campanario campestre, com as saudades do presbyterio, com as cantigas do lavrador, e com as trovas do pegureiro.

Não morreu. Eil-o, ali, bem presente, bem vivo ainda, entre a mãe que embala, e o filhinho que dorme. Além, entre o operario que trabalha, e a materia rude que tenta resistir-lhe aos esforços. Mais longe, entre a mocidade patriotica, que defende palmo a palmo a terra onde nasceu, e as fauces de bronze que vomitam as balas do inimigo. Não morreu. Revive; a sua memoria é abençoada, o seu coração ama ainda, como outr'ora amára. E o seu amor é multiplicativo.

Não ouvis a endeixa maviosa que além faz palpar de prazer, de amor e de saudade a donzella que, de olhos fitos na extensão das aguas, conta as horas pelos soffrimentos, na ausencia do escolhido do seu coração? É elle, é o homem da poesia, que na ausencia, como na presença d'aquelle por quem ella suspira, a pode amar tambem, sem provocar o ciúme. É elle, que ficou ahí no mundo das harmonias, porque de todas ellas compoz o creador a sua essencia. Onde jaz? O que era da terra, á terra voltou. Hoje, é o salgueiro que se lhe está debruçando por sobre a sepultura, para se ir mirar no regato que lá vae descuidado, como o poeta, a deter-se de pedrinha em pedrinha, e de flor em flor. O que era da terra pois, tornou á terra, para d'ahi ir ainda abraçar para os céus e para a immensidade. O que não era da terra, o mais de que constava o ser do homem-espirito, por ahí anda, peregrinando amorosamente de familia em familia, acolhido por todas como parente, de povo em povo, de seculo em seculo, de geração em geração, sempre hospedado com reconhecimento, sempre abençoado como um beneficio da Providencia.

Eis a poesia viva e rediviva; além era a prosa, já morta mesmo durante a vida. Entre uma e outra, que abysmo!

Na versatilidade do espirito humano, se encontram as duas phases, diversamente influentes, que imprimem desigual feição á existencia. Entre o conheci-

do e o desconhecido mesmo, não permanece aquella mesma dissimilhança? O amanhã, é a esperança, é o futuro, é a alvorada de um novo dia, que ainda envolto nas trevas em que se occulta, já promette, já surri ao coração, já n'elle vae a alma anciosa espraia-se em ignotos contentamentos; em quanto o hoje, é o positivo, é a arvore a que a noute roubou a verdura, é a flor que já deu de si o fructo que devia dar, é a pagina que se leu, e que a curiosidade volta para ir espairecer-se na seguinte; é em fim a prosa, porque a prosa é real, e positiva, não tem mysterios, não gosa maravilhas, não enfeitica, antes converte em desconsolo, e desfolha desapidadamente os jubilos de uma espiritual vegetação, sempre verde, com que o espirito folga de sonhar.

Entre os dous principios combatentes, e estas duas influencias, não só litterarias, senão tambem sociaes e predominantes na maneira de ser de todos os homens, ha muita analogia, a nosso ver.

O genio do bem, o espirito benevolo e carinhoso, é a poesia. O principio do mal, se não é a prosa, é a prosa a sua manifestação mais aproximada.

O primeiro, pela magia de que é fadado, comporia de amarguras favos deliciosos. O ultimo de paraizos faria infernos, se tivesse imaginação.

LUIZ FILIPPE LEITE.

A VIDA HUMANA.

Toda a vida humana por mais religiosa que seja, se não trazer sempre diante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noute sem estrellas, é republica sem lei, é labyrintho sem fio, é armada sem farol, é exercito sem bandeira; emfim, é vontade ás escuras sem luz do entendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dite o que ha de querer, ou fugir. Que lugar mais religioso e mais santo (para que não vamos mais longe) que este mesmo côro? Que exercicio mais agradável a Deus que a oração e de muitos? Que orações mais approvadas que as de que se compõe o officio divino ditadas pelo Espirito Santo? Que compostura, que modestia, que harmonia do canto, que pausas do silencio, que retrato de um côro de anjos no céu, como este na terra? E bastará toda esta união de pessoas, de vozes, de corações para fazer consonancia aos ouvidos de Deus? Se os olhos não estiveram postos no fim para que elle nos creou, não bastará. Porque, sendo as nossas orações um dos principaes actos de religião, e nas religiões o mais frequente, não só de dia, mas de noute; se n'ellas faltar a consideração do fim para que nascemos, será o mesmo que se á musica faltasse o compasso, com que as vozes, em lugar de fazerem harmonia, offendariam os ouvidos, e seriam dissonancia, confusão e tumulto.

PADRE A. VIEIRA.

VERDADEIRA CIDADE FLUCTUANTE.

O filho do celebre engenheiro francez Brunel, sob cuja direcção se fez a admiravel obra do *tunnel* de Londres, está construindo em Inglaterra um navio enorme, que terá tres vezes o comprimento das naus de linha de primeira ordem.

Este portentoso barco ha de ser todo de ferro, reunindo os tres meios de propulsão conhecidos: por quanto uma grande machina de vapor porá em movimento um systema de rodas, como nos vapores communs, e um helice. O appaarelho é de grandeza e desenvolvimento proporcionados ás dimensões do navio, compondo-se de quatro grandes mastros verticaes, sem fallar no do gurupez.

Não se sabe ainda o nome d'este prodigio de construcção naval, nem quando começará de surcar os mares tão gigantesca nave!

EPHEMERIDES HISTORICAS.

ABRIL 1

1767—São expulsos os jesuitas de Hespanha, reinando Carlos III.

2

1576—Morre D. Diogo de Gouvêa, um dos theologos que el-rei D. João III mandou ao concilio de Trento.

1535—Tomada de Sienna por Cosme de Medicis.

1814—O senado de França proclama a deposição de Napoleão.

3

1491—Celebra-se a primeira missa na costa occidental da Africa, recentemente descoberta pelos portuguezes, recebendo por esta occasião as aguas do baptismo o regulo do Sogno e seu filho.

4

1603—Morte da famosa Isabel de Inglaterra, filha de Anna Bolena e de Henrique VIII.

5

1250—S. Luiz, rei de França, é reduzido ao captivo.

6

1648—Gennaro Annesio entrega Nápoles aos hespanhoes.

1520—Morre o celebre pintor Raphael Sanzio d'Urbino.

7

1541—Parte para a India, na armada de Martim Affonso de Sousa, S. Francisco Xavier.

8

1341—Petrarcha é coroado no capitolio.

217—Assassinato do imperador Caracalla.

9

1589—Thomé de Sousa Coutinho toma e arrasa a cidade de Mandra, na India.

10

1306—Tomada de Pistoia pelos florentinos e luzuezes.

11

1713—Tratado de Utrecht, que poz termo á guerra da successão em Hespanha.

12

1204—Segunda tomada de Constantinopla pelos latinos.

13

1600—O Cunhale, terrivel corsario, inimigo dos portuguezes, é vencido por André Furtado de Mendonça, e degolado em Gôa.

14

70—S. Sylvestre, arcebispo de Braga, é martyrisado, com alguns companheiros, quando ia dar sepultura ao corpo de S. Victor.

15

1205—Desbarato do imperador Balduino pelos bulgaros.

16

1596—Tomada de Calais pelos hespanhoes.

1199—Morte de Ricardo, coração de leão, rei de Inglaterra.

17

1355—O doge de Veneza Marino Faliero é decapitado em Veneza, tendo de idade 76 annos.

1582—Fallece em Marrocos Fr. Thomé de Jesus, auctor do excellente livro *Trabalhos de Jesus*.

18

1797—Os francezes, dirigidos por Hoche, passam o Rheno, e derrotam os austriacos.

19

1649—Batalha dos Guararapes, a poucas leguas de Pernambuco, entre os hollandezes e os portuguezes, na qual os primeiros, depois de crua peleja, foram totalmente desbaratados.

20

1675—Fallece em Lisboa o jesuita Balthasar Telles, auctor da *Chronica da Companhia de Jesus*.

1814—Parte Napoleão para a ilha de Elba.

21

1142—Morte de Abailard, aos 63 annos de idade.

22

1794—Malesherbes, advogado de Luiz XVI, é guilhotinado em París, tendo 67 annos.

23

1564—Nascimento de Shakespeare.

24

1500—Os mouros assaltam com grande furia a praça de Marzagão, e são repellidos com perda enorme pelos portuguezes.

25

1185—Nasce o principe D. Affonso, depois rei de Portugal, segundo d'este nome.

26

1821—Parte D. João VI do Rio de Janeiro para Lisboa.

1538—Francisco Pizarro destroça os parciaes de Almagro, cêrca de Cuzco.

27

1530—Morte do poeta latino Sannazaro.

28

1755—Grande tremor de terra em Quito, america meridional.

29

1589—Lastimoso naufragio do galeão S. Thomé, no qual perderam a vida muitos portuguezes e entre elles o illustre D. Paulo de Lima.

30

1524—Morte de Bayard, o cavalleiro sem temor e sem mancha.

NAVIOS FORRADOS DE GOMMA-ELASTICA.

Todos os dias se multiplica a applicação do caoutchouc ou gomma-elastica a differentes industrias. Ultimamente propõe-se em França forrar de laminas de caoutchouc, devidamente preparadas, o fundo dos navios, no que até agora se empregavam folhas de cobre, ou da liga a que chamam metal amarello.

Affiança-se que a gomma-elastica não se altera como os metaes, e reune todas as condições que podem desejar-se para o fim indicado. Mais um incentivo cremos nós que é este para que o governo portuguez promova em grande escala a colheita da gomma-elastica, nas matas das nossas possessões africanas.